

ESPECIAÇÃO, REGIÃO, PROGRESSO E POLÍTICA CULTURAL NA ANTROPOGEOGRAFIA DE FREDERICO RATZEL

Nilson Cortez Crocia de BARROS¹

Resumo

O trabalho apresenta discussões no âmbito da biologia e da antropologia na segunda metade do século 19 no que estas discussões influenciaram o desenvolvimento da proposta da antropogeografia de Frederico Ratzel. Esta proposta é entendida como uma interpretação da influência do meio, da difusão e da adaptação sobre as possibilidades evolutivas das populações humanas. Atenção central é dedicada às idéias de mecanismos de especiação ou diferenciação (biologia) e progresso/mudança cultural (antropologia/história). As influências da filosofia holística e histórica alemã na antropogeografia de Ratzel são indicadas.

Palavras-chave: Ratzel; antropogeografia; história da geografia.

Abstract

Speciation, region, progress and cultural politics in the anthropogeography of Frederic Ratzel

The work presents discussions that were running inside biology and anthropology in the second half of the 19 century as far as those discussions exerted influence upon the development of Ratzel's anthropogeography. Ratzel's anthropogeography is defined as an interpretative proposal of the role exerted by environment, diffusion and adaptation on the evolutionary cultural possibilities of human populations. Particular attention is directed at the ideas of mechanism of speciation (biology) and progress and cultural evolution (anthropology/history); influences from the historical and holistic German philosophy upon Ratzel's proposal are also indicated.

Key words: Ratzel; anthropogeography; history of geography.

¹ Universidade Federal de Pernambuco - Professor de Geografia - Cidade Universitária (CDU) – 6º andar I. Básicos - 50640-901 – Recife – Estado de Pernambuco. E-mail: nccrocia@ufpe.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo enfoca o campo das possibilidades ou potencialidades epistemológicas que formaram aquele arco vasto e inovador de idéias do século 19 dentro do qual Frederico Ratzel se moveu e do qual extraiu a sua *Antropogeografia*. E, associadamente, o artigo expõe conseqüências desta proposta de uma antropologia geográfica para a formação da geografia moderna². Empiricismo e holismo, teriam sido estas atitudes científicas tão excludentes? A proposta de Ratzel é uma evidência em contrário, conforme demonstra a historiografia da geografia.

Ainda que movendo-se dentro das discussões sobre as soluções de interpretações positivas na biologia evolucionista e na antropologia cultural, e lidando com fatos e observações e uma emergente cultura de indução nas atitudes científicas, Frederico Ratzel expressa duas habilidades que tornaram possível, dentre outras circunstâncias tais como o seu entusiasmo com a expansão colonial ou civilizatória germânica (LIVINGSTONE, 1992, p.201), a definição da sua proposta: a influência da filosofia holística ou integradora (cosmovisão) alemã e a habilidade comunicativa desenvolvida na prática jornalística por anos.

O presente artigo apresenta aspectos do debate histórico-naturalista em torno do fenômeno da especiação ou diferenciação. De forma concisa, este debate revela que o método comparativo para ordenar tipológica ou classificatoriamente as diferenças estava assentado na prática científica. O problema que restava – e que foi enfrentado por Darwin – era o de identificar qual o motor para estas diferenciações ou especiações. Ratzel construirá sua antropogeografia a partir destas discussões. Examinar esta experiência decisiva para a construção da geografia moderna é o objetivo do presente trabalho.

O DEBATE HISTÓRICO-NATURALISTA EM TORNO DAS VARIAÇÕES DAS ESPÉCIES (ESPECIAÇÃO)

A influência da abordagem evolucionista darwiniana e das associadas idéias de ecologia de Haeckel (1834-1919) sobre os estudos biológicos e sobre a reflexão acerca da cultura humana em geral, e sobre as idéias cultivadas por Ratzel em especial, foram incomensuráveis (STODART, 1966; CLAVAL, 1974, p.36-7; LIVINGSTONE, 1992, p.197)³. Ratzel inspira-se neste contexto de idéias ousadas e originais (biologia evolucionista/ecologia) para propor a investigação das influências do meio sobre as experiências de evolução cultural/histórica dos povos, sobre as possibilidades culturais humanas e suas **diferenciações no espaço**. Esta proposta significou uma interpretação secular das **circunstâncias do progresso** que superava a visão teológica – tão cara a Carl Ritter – da Terra perfeita para o Homem, ou da Terra na

² A influência de Frederico Ratzel para a institucionalização da geografia na vida universitária e na burocracia estatal em geral, ao final do século 19 e começos do século 20 na Alemanha, foi abordada pelo autor em artigo anterior.

³ Ernest Heinrich Haeckel era o zoólogo e ecologista de destaque na Universidade de Jena, e exerceu também profunda influência no pensamento de Vidal de La Blache (1954), na França. Haeckel é considerado o fundador da ecologia, tendo sido também professor de Ratzel

perspectiva da Providência. Como o afirma Gomes, a Providência foi substituída "...por uma causalidade oriunda da própria natureza" (GOMES, 2000, p.77)⁴.

O papel de Moritz Wagner na criação científica de Ratzel está longe de ter se resumido à influência da mão amiga que lhe proporcionou o primeiro emprego na carreira docente (1875)⁵. Wagner estava envolvido intensamente e de maneira muito polêmica nas discussões relativas aos **mecanismos de especiação**, isto é, os mecanismos mediante os quais operava-se a diferenciação das espécies. Acreditava ele dar mais importância ao **mecanismo isolamento** após uma espécie migrar para um novo habitat como mecanismo de **especiação** – apesar de Charles Darwin lhe ter afirmado expressamente o contrário em carta que lhe enviou !!! – que o lendário pesquisador das Ilhas Galápagos (SULLOWAY, 1979, p.56).

O conhecimento destas discussões, que Ratzel como zoologista de formação e por ser pessoa muito próxima a Wagner estava perfeitamente a par, levaram-no a amplificar e transpor o conceito da migração zoológica para "o de difusão e diferenciação de culturas e de traços culturais" (SAUER, 1971, p.246), efetivamente sua contribuição para erigir a geografia como campo disciplinar da interpretação da diferenciação dos padrões e da dinâmica cultural das áreas ou regiões ou paisagens.

MUDANÇA (TEMPO), ECOLOGIA (ATIVIDADE DO MEIO) E COMPETIÇÃO (AUTO-MOTOR)

A vasta influência do pensamento de Darwin a partir do fim do século 19 é reconhecida por muitos estudiosos das idéias como comparável à influência da Bíblia, mas na construção da biologia evolucionista devem ser reconhecidos passos prévios decisivos. Dois destes passos prévios são a teoria de Malthus ao final do século 18 sobre os limites do meio ao crescimento populacional (MALTHUS, 1970), e a obra de 1830 *Princípios de Geologia* de Lyel registrando o desaparecimento de espécies no tempo geológico. Ambos os passos argumentavam que o meio influenciava os seus componentes e que este meio mudava ao longo do tempo pela atividade destes mesmos componentes que o compunham. Três idéias principais irão atribuir significados interpretativos aos materiais pesquisados.

Especificamente para a edificação da geografia moderna e portanto para o pensamento de Ratzel e dos geógrafos que o sucederam, estas idéias (**tempo, meio ativo e auto-motor**) foram identificadas analiticamente por Stoddart (1966) como três das influências darwinianas sobre a geografia: 1^o) a idéia de mudança através do

⁴ As interpretações seculares – o Humanismo, que em palavras simples pode ser entendido como a crença de que a Humanidade só pode se salvar por si própria e pelas suas circunstâncias – formaram a base das denominadas religiões políticas do século 20, das quais o desenvolvimentismo é uma das suas variedades eminentes e baseada na idéia de progresso (BURY, 1932). Tal progressismo é a base estruturadora da obra de Ratzel. Ao mesmo tempo, Ratzel mantinha reservas acerca de um traço da modernidade: as demandas em torno do voto igualitário (SAUER, 1971, p.252). A sistematização filosófica oferecida por Comte é parte integrante deste ambiente cultural (LENCIONI, 1999, p.80-81; BEZZI, 2004, p.34-39).

⁵ Ratzel (1844-1904) quando retornou dos Estados Unidos para a Alemanha em 1875 foi convidado por autoridades universitárias – mediante expressa recomendação do seu amigo e biólogo Moritz Wagner (SAUER, 1971, p.250) – para procurar a carreira acadêmica: "Eles me disseram quando retornei das minhas expedições que precisavam de geógrafos" (diálogo de F. Ratzel com J. Brünhes, transcrito por CAPEL, 1981, p.100). Necessitando se profissionalizar para viver, pois se mantivera nos últimos anos como jornalista, Ratzel não deixou passar a oportunidade.

tempo ou evolução e desenvolvimento, isto é, a idéia de que as formas transitam no tempo das formas mais simples para as mais complexas; 2º) a idéia da combinação ou da associação ou da estrutura organizacional de um conjunto vivo orgânico do qual o homem era parte (ecologia, meio compósito); e 3º) a idéia da seleção natural. Estas três idéias foram empregadas por Ratzel para dar conta da diversificação das paisagens culturais e das sociedades.

Tempo e evolução. As influências da idéia de **mudança** através do tempo foram decisivas em Ratzel, entraram na geografia e se difundiram pelo mundo acadêmico. A proposta do ciclo de erosão do norte-americano W. Morris Davis (1850-1933) – adotada com entusiasmo na França segundo Meynier (1969, p.54) –, ou, mais amplamente, dos modelos muito gerais da evolução orgânica da paisagem cultural ou da região na geografia clássica regional são exemplos da influência do evolucionismo darwiniano. A influência de W. M. Davis nos estudos geomorfológicos realizados na própria Alemanha, onde esteve em programa de intercâmbio (1908-1909) sob o suporte de Penck, foi extraordinária. Esta influência foi auxiliada pela tradução dos seus textos para o alemão por jovens geógrafos encantados pelo holismo evolutivo e coerência lógico-metafísica – parece uma imaginação especialmente apreciada pelos jovens universitários – da sua fisiografia (VALKENBURGH, 1967, p.96).

O meio compósito. A idéia da associação entre os componentes identificados de um meio ou ecologia – princípio metodológico de investigação ao qual Ernest Haeckel oferecerá fundamentação – tornar-se-á uma “idéia tenaz nas pesquisas geográficas” (HOLT-JENSEN, 1988, p.27) de Ratzel, e na edificação da geografia moderna. Não custa lembrar a posição central da visão ecológica humana na geografia de A. Cholley com a idéia do estudo da **combinação** (CHOLLEY, 1942) entre os geofatores para o entendimento da totalidade regional. Frederico Ratzel, quando ele vê o conjunto do estado como um organismo atrelado à terra, evidencia a influência recebida de Darwin e Haeckel, uma influência expressa também no conceito lablachiano de meio compósito e orgânico regional (VIDAL DE LA BLACHE, 1954).

Guy Mércier (1995) demonstra a convergência conceptual quanto à compreensão de região e estado entre P. V. de La Blache e F. Ratzel. Tal visão orgânica apresenta-se em forma cristalina na ecologia humana de Barrows (1923) e Whitlesey (1929), e estende-se até à idéia de sistemas como observaram Stoddart (1965, p.241-250), Andrade (1982, p.191,192), Monteiro (2000, p.30), Santos (2002, p.80-82), Bezzi (2004, p.38) e outros. Mas pode-se também acreditar que o holismo de Frederico Ratzel possui ramificações mais amplas e não adveio apenas da emergente ecologia de Haeckel, mas sim de ramificações filosóficas, apesar de Ratzel ter sido aluno de Ernest Haeckel – o grande divulgador do pensamento de Darwin (LIVINGSTONE, 1992, p.197) – na Universidade de Jena em 1869, e tendo dele se tornado um admirador.

Holt-Jensen argumenta que embora seja a idéia de **associação** uma analogia de clara influência biológica, ela nos remete às raízes da filosofia idealista alemã, tendo Carl Ritter e Humboldt empregado esta idéia de todo, idéia presente também em Hegel e Marx. Talvez sem os exageros do organicismo de Carl Ritter⁶, a idéia do **todo** ou **totalidade** como aspiração de resultado na representação científica permanecerá. A abordagem ecológica, isto é, a identificação e associação dos elementos que compõem o meio tornar-se-á o exercício metodológico da geografia moderna

⁶ Quando apresenta um esboço para uma geografia geral comparada, Ritter doutrina metodologicamente da seguinte maneira: “Toda reflexão sobre o homem e sobre a natureza nos induz a considerar o particular (*das Einzelne*) nas suas relações com o todo (*das Ganze*) e a nos conduzir daquilo que parece simplesmente obra do acaso àquilo que obedece fundamentalmente a uma lei” (RITTER, 1974, p.45).

através dos estudos programados para reconstruírem a **síntese regional**. Daí gera-se o produto monografia regional, esta definida como uma “impressão total” (DINIZ, 1984, p.36) da paisagem ou região, ou, na expressão de Koelsch, uma “real-world holistic region” (KOELSCH, 2001, p.260-1)⁷, que depois veio a ser considerada muito obscura na perspectiva do neopositivismo. Este é um dos significados do **conceito de região, ou zona, ou área ou paisagem**⁸.

Metodológica e tecnicamente, a noção de **gênero de vida** que foi sistematicamente apresentada por Sorre (1984) ofereceu o mecanismo de esclarecimento da associação entre os elementos do meio e o homem, e da sua adaptabilidade, idéia esta tão cara a Ratzel e aos estudos de ecologia cultural contemporâneos, como o de Morán (1990). Pode-se pensar que, na análise das sociedades tradicionais, a eficácia operacional do conceito de gênero ou modo de vida contrariaria a suposta excessiva obscuridade apontada pelos neopositivistas para uma reconstrução mais integral do conteúdo regional ou das paisagens.

O automotor nas diferenças culturais. A idéia da luta e da sobrevivência das espécies remetia para o campo **secular** – passível das observações, que incluía registros e coletas de materiais – a busca das explicações para a dinâmica diferenciadora da história natural e cultural. Fomes, mortes, guerras, populações ultrapassando os limites da oferta de recursos, tudo isto lançava sombras pouco edificantes sobre o Éden das origens humanas e dúvidas sobre a existência de uma condução teleológica dos domínios da natureza e da sociedade humana. Darwin, na realidade, foi decisivamente influenciado pela leitura da obra de Malthus sobre os limites do crescimento populacional, limites que o homem teria ele mesmo que racionalmente reconhecer para viver melhor.

Fosse dum todo regional ou nacional – horizontal – ou das suas partes (fatores, agentes, verticalidades), a dinâmica seria interpretada a partir das evidências materiais observadas e colhidas na própria natureza e na cultura (naturalismo, positivismo), e não mais através das causas finais⁹. A categoria causa erode-se no seu aspecto finalístico (teleológico) e se fortalece como ferramenta analítica na análise da combinação ou influência entre fatores. Regularidades nas relações causais – relações vistas normalmente de forma linear – entre o meio físico, biológico e humano são procuradas, dando campo às discussões sobre determinismo físico e possibilismo cultural¹⁰.

⁷ O realismo como projeto de apreciação do mundo confunde-se e torna-se possível pela invenção e aperfeiçoamento dos instrumentos de observação e registro, pelas técnicas de comparação e classificação desenvolvidas e por uma completa alteração no ‘tamanho do tempo’ imaginado pelo homem, e isto se dá especialmente nos séculos 18 e 19 (STODDART, 1982).

⁸ Como o observa Correa, área, região e paisagem são palavras equivalentes para C. Sauer (CORREIA, 2001, p.265).

⁹ O neopositivismo representará de certa forma uma reação polidora a este positivismo dito “bruto”, que é como o chamará o neopositivismo. Este positivismo “bruto” está com muita clareza expresso por Ritter, quando afirma: “A regra fundamental que deve assegurar a verdade do Todo consiste em proceder de observação em observação, e não da opinião ou da hipótese à observação” (RITTER, 1974, p.57). Kropotikine também compartilha deste positivismo “bruto” quando descreve sua metodologia de trabalho geográfico durante suas pesquisas sobre a orografia da Ásia, no século 19, nas suas *Memórias*: “Começando então...de uma forma puramente indutiva, coletei todas as observações barométricas de viajantes anteriores...marquei sobre um mapa...todas as observações que haviam sido feitas por diferentes viajantes – os fatos, não as hipóteses; e tentei desvendar que linhas estruturais corresponderiam melhor às realidades observadas. Despendi mais de dois anos nesta preparação” (KROPOTIKINE, 1975, p.159-160).

¹⁰ A questão em torno da influência teleológica na obra de Darwin, contudo, nunca deixou de ser controversa. Não foram poucos, e tornaram-se mais numerosos após a deconstrução das grandes narrativas modernas, aqueles que argumentam ser a teoria ou doutrina da evolução cheia de intencionalidade, o que implicaria aceitar uma Inteligência, e portanto ela se revestiria de caráter teleológico. A respeito da questão ver: Stoddart, (1966, p.689).

É neste particular que a **capacidade de adaptação** – revelada em um complexo técnicas e artefatos, crenças e costumes – adquirem significado. Difusões de técnicas, crenças e costumes facilitam conhecimentos culturais adaptativos ao meio e propiciam **progresso** às populações humanas.

O QUE, PARA FREDERICO RATZEL, *ESPECIAVA* OU *DIFERENCIAVA* UMA ÁREA CULTURAL?

Antropogeografia como externalismo. Para o evolucionismo, o papel da pesquisa etnográfica tornou-se crucial, uma vez que através dos artefatos e registro dos costumes é que se estabelecia a posição (o padrão) de cada grupo social vivo ou extinto na classificação evolutiva geral da espécie humana, uma longa escada no ápice da qual estaria a civilização europeia urbana-industrial. A pergunta era: de que maneira os artefatos e costumes culturais – os artefatos de trabalho, as armas da guerra e da caça, as habitações, os utensílios em geral e os materiais empregados na sua confecção, os padrões alimentares, as crenças, os comportamentos migratórios, políticos, os sonhos etc – expressavam os meios geográficos de onde haviam sido coletados ou onde haviam sido observados?

De que maneira estes artefatos também expressavam, por outro lado, as chances dos contactos interculturais? Ou, dizendo-o de outro modo, expressavam as **difusões** nos limites do alcance (*range*) de determinada zona cultural? O interesse antropológico se espalhou pelos estudos geográficos na Alemanha, e Ratzel foi um exemplo de destaque ao propor uma via geográfica ou terrestre ou territorial para as interpretações das diferenciações na evolução e nos padrões culturais (antropogeografia) dos povos. A sua contribuição se deu com a idéia das **difusões geográficas** como **mecanismo das diferenciações ou variabilidades dos padrões culturais**. As **diferenciações de área** do ponto de vista dos padrões culturais não seriam propriamente produzidas pelo determinismo rude das condições geográficas *in situ* sobre a cultura. Para Ratzel, o princípio da **difusão** possuía ascendência sobre o das **invenções paralelas** na inovação e mudança culturais (SAUER, 1952, p.21). Isto é, meios geográficos iguais não produziriam necessariamente os mesmos padrões culturais¹¹.

Ratzel, como outros dos seus contemporâneos, acreditava que a capacidade de invenção humana era muito limitada, e por isto a evolução dos grupos sociais advinha realmente das difusões pelas zonas ou regiões culturais das invenções que teriam se realizado a partir de uns poucos centros culturais difusores (MORÁN, 1990, p.50,51). O meio biofísico exercia sim influência (rios, oceanos, montanhas, florestas, etc), mas na medida funcional em que favorecia ou dificultava as possibilidades dos contactos difusores dos traços culturais entre as populações distribuídas no espaço. A crítica da antropogeografia às invenções paralelas em sítios diferentes corroía também a idéia simples da evolução por sucessão dos estágios de cultura (SAUER, 1952, p.20).

¹¹ Em 1953, Fred Schaefer sustenta a opinião que os exageros deterministas dos discípulos de Ratzel – por exemplo, de Desmolins na França que insistia que “caso a história francesa tivesse de acontecer de novo, seguiria essencialmente o mesmo curso em função do ambiente natural” (SCHAEFER, 1977, p.34) – é que foram muito mais nocivos, similarmente ao caso de discípulos de Marx (“progressão histórica compreensível”) (Idem, idem, p.26). Ao se combater estes exageros, argumentava Schaefer, erroneamente se combateria a idéia subjacente que era o *core* do procedimento científico: a busca de identificar regularidades universais (SCHAEFER, 1977, p.34).

Os internalistas. As teorias ou generalizações interpretativas acerca das diferenças registradas nos padrões culturais das populações no mundo ofereciam um espectro muito variado e ousado. Gobineau, nos meados do século 19, considerava a raça - agente biológico interno - o determinante das diferenciações culturais, de maneira que não obstante em um meio ambiente muito favorável, a determinação interna (racial) prevaleceria nas possibilidades evolutivas culturais de um grupo populacional. Para ele, a maioria das raças não ascenderia ao estágio de civilização. H. S. Chamberlain, no final do século 19, definia o estoque racial teutônico como o proeminente, e Lapouge, ao mesmo tempo, propunha uma escala racial das populações européias no ápice da qual - com o seu empreendedorismo e individualismo - estaria o nórdico protestante dolícocefalo; em seguida viria o tipo intermediário (o católico alpino de crânio arredondado, obediente ao governo e pouco empreendedor), que por sua vez era ainda assim superior ao tipo mais baixo e de pele escura característico do ambiente mediterrâneo (DICKINSON, 1969, pp.62-3).

Migração, adaptação e progresso. Definem-se então, na interpretação das possibilidades de mudança e progresso social, duas interpretações opostas: internalistas (biológicos), de um lado; e externalistas (ambientalistas) do outro. Na sua *Antropogeografia*, Ratzel critica duramente a teoria do gene de Gobineau para explicar a decadência de povos localizados na plena fartura provida por excelente meio natural (Ratzel: *coletânea...*p.45). Para Ratzel, o foco das explicações das variações nos padrões culturais era o espaço, a terra, o meio, o teatro da história, e particularmente os empréstimos de características culturais mediante as difusões/migrações neste espaço, não o interior biológico do homem (gene). Conforme observa Livingstone, a antropogeografia de Ratzel estava distante do arianismo de Gobineau ou do purismo camponês racial de Lapouge (LIVINGSTONE, 1992, p.202).

Império e civilização poderiam se propagar, segundo Ratzel. As **circunstâncias** mais importantes para a fixação do caráter (padrão) dos povos e das suas possibilidades culturais evolutivas - o que era uma questão essencialmente eurocêntrica ou projetada pelo **sítio cultural do universo europeu** - eram o meio geográfico e a adaptabilidade demonstrada pelo estoque da população. Estas experiências adaptativas poderiam ser adquiridas e transmitidas (aprendidas) no curso da evolução histórica, e não seriam geneticamente determinadas para sempre (raça, gene) como propunha Gobineau.

Através de problemas e críticas na biologia e na teoria da evolução Ratzel posicionou a geografia no campo das discussões sobre a dinâmica dos padrões culturais e das sociedades no contexto da expansão demográfica, econômica, política e cultural européia pelo mundo. Difícil não reconhecer a natureza otimista da sua visão histórica. A geografia trabalharia suas interpretações a partir dos fatores externos desta dinâmica (meio geográfico e difusões) (*Antropogeografia*, in Ratzel: *coletânea...*p.42,54 e outras; LIVINGSTONE, 1992, pp.196-202) para entender as variações culturais e demográficas (regiões culturais como tipos de especiações), e esta proposta significava uma via alternativa às explicações raciais/genéticas.

Um novo meio, a adaptabilidade, as migrações e a urbanização, esta como o cume da civilização, ocuparam posição central nas reflexões de Ratzel; os prenúncios disto estão registrados no que escreveu da sua viagem aos Estados Unidos (RATZEL, 1988). Impressionou-o a facilidade com que cada inovação técnica na agricultura americana chegava - **difundia-se** - até à mais distante e aparentemente isolada das propriedades rurais, em função da eficiente infraestrutura de comunicações que facilitava a **adaptação** dos imigrantes europeus a um novo e vasto mundo. Impressionou-o também o papel exercido por Nova York como artefato funcional metropolitano e difusor: "...cada nova estrada de ferro...linha de vapor que se inaugura neste país fortalece a posição da cidade como metrópole desta porção do mundo...Até onde é

possível se imaginar o futuro nesta terra, o que se vê é somente progresso e prosperidade" (RATZEL, 1988, p.19)¹². Na Flórida, onde também esteve, viu positivamente a expansiva criação dos *resorts* turísticos para as populações do Norte frio do país, que ali chegavam por eficientes linhas de navios ou ferrovia.

GEOGRAFIA E ANTROPOLOGIA

Mas, como costuma acontecer nas renovações científicas, Frederico Ratzel não era uma voz única. A antropologia mais próxima dos temas do povoamento e das populações, e mais próxima portanto da geografia, seja anterior ou contemporânea a Ratzel na Alemanha, havia introduzido nas discussões antropológicas o tema do território, da terra, do meio. O próprio Carl Ritter reconhecia o papel central de determinados focos culturais que haviam sofrido processos progressivos de cultura e se tornaram centros difusores das plantas cultivadas (SAUER, 1952, p.20). Adolfo Bastian (1826-1905)¹³, por exemplo, etnógrafo, realizou muitas viagens pelo mundo observando diferentes povos e variados meio ambientes, e centrava seus estudos na unidade psíquica da raça humana, na associação das idéias criadas com os ambientes, e nas difusões espaciais destas idéias assim criadas. Em 1888 propôs que as idéias sociais se espalham a partir de certos centros geográficos particulares, e isto se dá através dos contactos nas fronteiras das zonas culturais; as civilizações se tornariam possíveis pela fusão das influências advindas de vários centros (DICKINSON, 1967, p.63), isto é, através da **difusão**.

A geografia e a antropologia estavam – por necessidades mútuas geradas pelos próprios objetos – e permanecem muito próximas nos estudos sobre as sociedades indígenas e tradicionais. O trabalho de T. Koch-Grünberg (1966) sobre Roraima realizado entre 1911 e 1913 revela atenção às relações entre cultura e biomas, assim como estudos recentes de Moran (1990), Smith (1999), Schröder (2003, p.31), entre tantos outros, sobre a Amazônia. Foram os estudos de **ecologia humana** que retiraram da obscuridade – em contraste com as abordagens econômico-geográficas da militância do desenvolvimento onde a atenção às diferenciações culturais desbotara – a imensa complexidade das relações das populações caboclas e indígenas com as regiões das florestas de terra firme, de várzea, de ecótono floresta/cerrado, etc, no vale Amazônico, propiciando propostas inovadoras de desenvolvimento, tal como a das reservas extrativistas. A geografia não poderia mais dizer – como costumava – que a região era um imenso vazio demográfico e cultural, sem deixar de reconhecer a relatividade desta afirmação aos interesses da expansão colonial.

¹² Isto não deve induzir à opinião de que F. Ratzel não via os contraditórios aspectos da vida urbana nesta cidade no começo do último quartel do século 19. No seu otimismo desenvolvimentista, é verdade, não há espaço para o que hoje se pode denominar "cientificização de culpa social"/denuncismo social, mas isto não o impediu de notar que ao lado de praças e avenidas graciosas com suas linhas de árvores e flores e magníficas residências, existiam outras secções da cidade bem adequadas a se "criar porcos" (RATZEL, 1988, p.19).

¹³ As relações de A. Bastian com a Geografia eram tão próximas que presidiu a Sociedade Berlinense de Geografia – a mesma presidida por Carl Ritter até 1859 – no período de 1871 a 1873. Ritter foi quem propôs a Bastian organizar, na Sociedade Berlinense de Geografia, uma secção etnográfica, mas Bastian acabou nos anos de 1880 criando o Museu Etnográfico de Berlin (DICKINSON, 1967, p.63), onde estão depositados materiais colhidos por Koch-Grünberg – inclusive as primeiras gravações em áudio de músicas indígenas feitas no Brasil – no vale do Rio Branco (Roraima) e na Venezuela no começo do século 20.

Malinowski considera Ratzel como um dos pioneiros da teoria das difusões e influenciador do difusionismo em Franz Boas (1858-1942)¹⁴ (MALINOWSKI, 1962, p.206, cit. por MORAES, 1990, p.7), Boas um antropólogo claramente cultural e anti-determinista, e que expressa suas opiniões – após pesquisas com os Esquimós – sobre a geografia no célebre artigo intitulado *The Study of Geography* (BOAS, 1996). O deslocamento de Boas, do lado mais determinista da antropogeografia para o lado mais cultural e difusionista, acontece depois dos seus estudos sobre os Esquimós, quando passa a doutrinar que o ambiente não é determinante, mas sim um fator que o homem se utiliza segundo sua herança cultural (MORÁN, 1990, p.52,53). Neste sentido, e por mais estranho que possa parecer, e realmente é, o homem cria o seu meio.

CONCLUSÕES

A habilidade comunicativa de Ratzel reuniu os campos discursivos de duas emergentes disciplinas sistemáticas: a biologia evolucionista e a antropologia humana. A questão, na biologia, era oferecer uma explanação para o fato de as espécies se diferenciarem, surgindo daí novos tipos. Na antropologia, a discussão girava também em torno das explicações para as diferenças culturais constatadas entre os povos e lugares, não obstante uma origem humana única. Frederico Ratzel fez um encontro entre os mecanismos de especiação ou diferenciação externos – migrações/difusões, meio geográfico – e o reconhecimento tipológico areal (zonas ou regiões culturais) das diferenças nos padrões culturais dos povos pelo mundo.

Se a geografia encontrava-se ameaçada em seu prestígio pelo desenvolvimento autônomo das disciplinas sistemáticas que haviam estado sob sua abrangência – Humboldt é reconhecido como o último dos sábios enciclopédicos –, Ratzel na sua proposta drena do enciclopedismo que era justamente a desvantagem da geografia o recurso do encontro dos discursos multidisciplinares. Desta forma a geografia encontra no estudo integrado das relações cultura/meio ou homem/meio, isto é, na ecologia humana ou na antropologia geografizada, sua legitimação no ambiente acadêmico. Foi certamente o holismo característico da denominada filosofia universitária alemã o formato mais geral que levou Ratzel a fundir zoologia e antropologia.

Esta *episteme* fincou raízes na disciplina no começo do século vinte. A proposta ratzeliana confunde-se com a proposta de J. Brünhes (1962), de Vidal de La Blache, assim como com a sistematização de Barrows, da geografia como ecologia humana. Formou-se o *mainstream* regional na geografia. A institucionalização algumas vezes provocou subprodutos de formatos cognitivos burocráticos e rotinizados que descolaram a prática geográfica daquelas questões centrais e originárias de ordem cultural sobre as diferenciações, as difusões e a adaptabilidade cultural. Mas a ecologia cultural ou humana, cultivada em solos originários que lhe permitiram manter-se atenta àquelas questões, tornou-se um consolidado e criativo campo da pesquisa contemporânea na geografia.

Desta forma, é controverso hoje na história da geografia representar esta história como uma sucessão de *epistemes* em que a geografia regional clássica, descartada, teria sido substituída pela geografia como análise espacial e urbana quer numa perspectiva mais analítica e neopositiva quer mais histórico-estrutural. Evidências historiográficas, como apresentadas no presente artigo, sugerem um visão re-

¹⁴ Nascido na Alemanha, Franz Boas emigra para os Estados Unidos da América em 1887.

prospectiva da disciplina sem tantos exageros de progresso, evolução e distanciamento dos nossos colegas do passado no que tange às maneiras centrais de pensar na disciplina (CLAVAL, 2002, p.12).

É evidente que os estudos espaciais e urbanos se expandiram muito a partir dos anos de 1950 até os anos de 1970, e se tornaram dominantes ou *mainstream* (FORD, 2005, p.178) em face dos desafios à disciplina colocados pela interpretação ativa e associada ao planejamento das paisagens avançadas e das paisagens dos países em desenvolvimento. Isto tudo, entretanto, não apagou nos ambientes acadêmicos liberais *nichos disciplinares* onde medravam aquelas indagações originárias que induziram Ratzel a estudar a adaptação dos assentamentos culturais ao ambiente, as difusões e a mudança cultural. Os estudos geográficos e antropológicos sobre as populações tradicionais na Amazônia, no contexto das frentes de expansão modernizadoras, são evidências que suportam este ponto de vista. Sistemas de cidades, habitações, regimes políticos, a rede mundial de computadores (*world-wide-web*, *www*), as estradas, os sistemas de gestão ambiental e de saúde, etc, são expressões culturais adaptativas ou reativas das populações humanas ao meio, este entendido num amplo sentido. Suas distribuições e padrões espaciais não são homogêneos e isto representa uma importante questão cultural contemporânea para a geografia. É neste sentido que se usa termos como ecologia da saúde, ecologia política, inclusão digital, etc.

Charles Darwin, Moritz Wagner, Franz Boas, Frederico Ratzel e outros, todos cooperaram no salto para além dos limites dos *outputs* tipológicos/taxonômicos que o método positivo-comparativo poderia oferecer. A proposta na perspectiva tempo-espacial de entronizar as **difusões geográficas** – processo de base no mecanismo dos empréstimos culturais – como o fator principal das diferenciações dos padrões das paisagens culturais é um esforço de interpretação inteligente e criativo que representa uma **reação teórica** ao imenso volume dos materiais culturais observados, colhidos e classificados até então. Um corolário conceitual da idéia das difusões é o conceito de centro/periferia que acompanha a geografia desde Carl Ritter, encontra clara definição na geografia antropológica de Ratzel e assume papel de destaque na *new geography*. A se acreditar nas regularidades observáveis no campo da práxis científica, é possível que discípulos exagerados tenham **reduzido** aquela idéia original a específicas circunstâncias e *human interests*, como o indicou Habbermas (1965) para o conhecimento em geral, o que representa um vasto trabalho de investigação para os *postcolonial geographers* sobre as representações científicas na nossa disciplina.

Desenvolvimento, mudanças regionais, programas nacionais ou globais de difusão de infra-estruturas e treinamento nas áreas saúde, saneamento, transportes, telecomunicações, segurança, etc, resultam de opções culturais, possuem centros difusores e precipitam assimilações culturais, conflitos e mudanças. Representam *cultural politics*, não obstante suas específicas denominações técnicas. O satélite de comunicações, a difusão dos jatos e a biotecnologia, por exemplo, permitiu adaptações culturais e produtivas em pontos do planeta – por difusão espacial, e não por invenções paralelas – onde isto seria difícil sem estes artefatos, transformando a natureza do meio, criando um meio, tal como as palafitas representam reações adaptativas. Herança compreensiva e fecunda de Ratzel é sua visão cultural ampla, espécie de *worldview* da **Política Cultural**.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C. de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. In: SANTOS, M. (Ed) **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982. p.181-201.
- BARROWS, H. H. Geography as Human Ecology. **Annals of The Association of American Geographers**, v. 13, n.1, p.1-14, 1923.
- BEZZI, M. **Região: uma (Re)visão historiográfica – da Gênese aos novos Paradigmas**. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de S. Maria, 2004.
- BOAS, F. The Study of Geography. In: AGNEW, L.; LIVINGSTONE, D.; ROGERS, A. (Ed). **Human Geography: an essential anthology**. London: Blackwell, 1996, pp.173-180 (originalmente publicado em 1887).
- BRUNHES, J. **Geografia humana**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura Econômica, 1962.
- URY, J. **The idea of progress: an inquiry into its growth and origin**. New York: Dover Publication, 1932.
- CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea: una introducción a la Geografía**. Barcelona: Barcanova, 1981.
- CHOLLEY, A. **Guide de l'étudiant en géographie**. Paris: PUF, 1942.
- CLAVAL, P. **Evolución de la Geografía Humana**. Barcelona: Oikos-tau, 1974.
- CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Ed) **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2002, p.11-46.
- CORRÊA, R. Carl Sauer e a Geografia Cultural. In: _____. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand, p.261-285, 2001.
- DICKINSON, R. **The Makers of Modern Geography**. London: Routledge and Kegan Paul, 1969.
- DINIZ, A. F. **Geografia da Agricultura**. São Paulo: Difel, 1984.
- DUNBAR, G. (Ed.) **Geography: discipline, profession and subject since 1870 – an international survey**. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2001.
- FORD, L. Emerging political paradigms. In: BERRY, B.; WHEELER, J. (Ed) **Urban geography in America, 1950-2000**. New York: Routledge, 2005, p.171-179.
- GOMES, P. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- HABERMAS, J. Knowledge and Human Interests: a general perspective (Appendix, 1965). In: _____. **Knowledge and Human Interests**. Boston: Beacon Press, 1971, p.301-317.
- HOLT-JENSEN, A. **Geography: history and concepts**. London: Paul Chapman, 1988. (Tradução do alemão por B. Fullerton).
- KOCH-GRÜNBERG, T. **Del Roraima al Orinoco**. Caracas: Banco Central de Venezuela, 1966. 3 vols.
- KOELSCH, W. Academic Geography, American Style: An Institutional Perspective. In: DUNBAR, G. (Ed.) **Geography: discipline, profession and subject since 1870 – an international survey**. The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2001, p. 245-279.
- KROPOTKINE, P. Memoirs of a Revolutionist. In: _____. **The Essential Kropotkin**. New York: MacMillan, p.123-169 (abridge version), 1975.

VIDAL DE LA BLACHE, P. Significado e objeto da Geografia Humana. In: ____ **Princípios de Geografia Humana**. Lisboa: Cosmos, p.27-45, 1954.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.

LIVINGSTONE, D. **The Geographical Tradition**. London: Blackwell, 1992.

MALINOWSKI, B. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962, cit. por MORAES, 1990, op.cit.

MALTHUS, T. **Primer ensayo sobre la población**. Madrid: Alianza, 1970 (título original: An Essay on the Principle of Population, as it affects the future improvement of Society, with remark on the speculations of Mr. Godwin, Mr. Condorcet, and other writers, 1798).

MÉRCIER, G. La région et l'État selon Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache. **Annales de Géographie** n. 583, p.211-235, 1995.

MEYNIER, A. **Histoire de la pensée géographique en France**. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

MONTEIRO, C.A. **Geossistemas: a história de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2000.

MORAES, A. Introdução. In: RATZEL, F. **Coletânea**...São Paulo: Ática, p.5-30, 1990.

MORÁN, E. **Ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

RATZEL, F. **Sketches of Urban and Cultural Life in North America**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1988. (Tradução para o inglês por S. Stehlin e originalmente publicado em 1876 na Alemanha).

RATZEL, F. Antropogeografia. In: ____ **Coletânea**...São Paulo: Ática, p.32-107, 1990.

RATZEL, F. **coletânea**. Introdução e Organização por A. C. Robert de Moraes. São Paulo: Ática, 1990.

RITTER, C. Introduccion à la Géographie Generale Comparée. **Cahiers de Géographie de Besançon**, França, n. 22, 1974 (Originalmente publicado em alemão em 1852).

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2002.

SAUER, C. **Agricultural Origins and Dispersals**. Massachusetts: MIT, 1952.

SAUER, C. The formative years of Ratzel in the United States. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 61, n.2, p. 245-254, 1971.

SCHAEFER, F. Excepcionalismo na Geografia: um estudo metodológico. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 7, n.13, p.5-37, 1977. (tradução por John McPherson do original publicado nos **Annals of AAG** v. 43, n.3, 1953).

SCHRODER, P. **Economia indígena: situação atual e problemas relacionados a projetos indígenas de comercialização na Amazônia legal**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2003.

SMITH, N. **The Amazon River Forest: a natural history of plants, animals, and people**. Oxford University Press, 1999.

SORRE, M. A noção de gênero de vida e sua evolução. In: ____ **Max Sorre**. Org. e Introd. por Januário Megale. São Paulo: Ática, p.99-123, 1984. (Originalmente publicado em 1952).

STODDART, D. Geography and the Ecological Approach: the ecosystem as a geographic principle and method. **Geography**, v. 50, p. 242-251, 1965.

STODDART, D. Darwin's impact on Geography. **Annals of The Association of American Geographers**, v. 56, p. 683-689, 1966.

STODDART, D. Geography – a European science. **Geography**, v. 67, p.289-296, 1982.

SULLOWAY, F.J. Geographic isolation in Darwin's thinking. **Studies in The History of Biology** n. 3, p.23-65, 1979.

TAYLOR, G. (Ed.). **Geography in the Twentieth Century**: a study of growth, fields, techniques, aims and trends. London: Methuen, 1967.

VALKENBURG, S. The German School of Geography. In: TAYLOR, G. (Ed.). **Geography in the Twentieth Century**: a study of growth, fields, techniques, aims and trends. London: Methuen, 1967, p. 91-115.

WHITTLESEY, D. Sequent Occupance. **Annals of The Association of American Geographers** v. 19, p.162-5, 1929.

Recebido em dezembro de 2005

Revisado em fevereiro de 2006

Aceito em fevereiro de 2006